

Globethics Repository



Teologia da Cruz [Theology of the Cross]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Reference book
Authors	Ribeiro, Antonio Carlos
Publisher	Departamento de Teologia da PUC-Rio
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-09-12 05:38:54
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/218763

Teologia da Cruz: A coragem de dizer a verdade

O Deus escandaloso; o uso e abuso da cruz, Vítor Westhelle,
Trad. Geraldo Korndörfer, São Leopoldo, Sinodal / EST, 2008.

Antonio Carlos Ribeiro

Introdução

O livro de Vítor Westhelle retoma um tema tão caro quanto pouco enfrentado na teologia cristã: a busca da verdade. É composto de dez reflexões profundas tendo como base a *theologia crucis*, de Lutero, tocando em temas teológicos, do conflito fé e razão aos diálogos com saberes oriundos de momentos pontuais da história da teologia, das filosofias de traço iluminista e existencialista, e da poesia e das artes, enfrentando o debate com os conflitos existenciais da civilização que mais invadiu, colonizou, explorou, dominou e matou, muitas vezes empunhando a própria cruz, e à qual, durante séculos tiveram que, penitencialmente, voltar.

Começa observando que a teologia da cruz não é uma doutrina, nem um discurso, mas um tema que, em chave analítica dialética teológica e cristã, remete à decisão existencial de olhar para a cruz, assumindo-a como Maria, a um só tempo impotente diante das circunstâncias e determinada a não se afastar e nem abandonar seu filho, e filho de Deus (*teotokos*), à violência ensandecida dos poderes políticos e religiosos. Olhando para a cruz, ela “contempla o mistério da vida, não com olhos românticos, mas com os olhos das pessoas profundas e comprometidas com a verdade, a justiça e a solidariedade”, como escreveu d. Mauro Morelli. E, na paixão desta sexta-feira começa o escândalo do Deus crucificado, arrastado séculos afora pelos cristãos, de todos os povos e das diversas tradições. O livro registra diálogos frutíferos e doloridos, *fascinosum et tremendum*, através dos retratos nas

artes e das liturgias dos cultos.

A polaridade começa na própria forma de confrontar-se com o escândalo. Para uns ofende a razão, para outros cristaliza a falta de vontade e a servidão. A mesma morte que punha a religião em risco é recebida por Nietzsche como golpe de gênio do cristianismo. O uso da categoria símbolo abre diversos diálogos, começando pelas imagens e sua capacidade de eclipsar outras formas de compreensão e lembrança. Essa percepção confirma as noções de dor e sofrimento arraigadas na religião. O lado perverso é que a mesma cruz que simboliza a derrota, tornou-se o triunfo das cruzadas com Constantino e das conquistas do Novo Mundo, pelas quais ingressou no mundo da arte. Com a sublimação, reteve um potencial capaz de passar da realidade à representação. Lutero viu na cruz a reversão do próprio desconforto, denunciando a transformação da essência em aparência e as muitas cruzes que disfarçam seu desafio real: perturbar nossa compreensão do significado do amor no grito do abandonado.

O anúncio de Cristo como escândalo para os judeus e loucura para os gentios ajudou judeu-cristãos a compreender-lhe o destino. Para evitar a afirmação soteriológica, o sofrimento do servo de Javé não foi relacionado com a narrativa da paixão. Westhelle estabelece a relação contraditorial entre negação e afirmação: o martírio, como evento ultrajante ao Justo; o lugar, negando sua glória e epifania; a marginalidade da comunidade de fé, do ambiente político palestino e das comunidades, social e economicamente; o Deus que vem em seu socorro, se ausenta; não há como negar, o Senhor está morto! O conjunto de sua vida, do nascimento à morte, só faz sentido visto pela cruz (estrebaria, moscas e esterco; marginais, doentes, possuídos e despossuídos; e morte física e moral que varre o registro da existência). “Pois aquilo que Ele não assumiu Ele não redimiu, mas aquilo que está unido à sua Divindade também é salvo” (Gregório Nanziazeno), e se nada está fora do alcance de Deus, Ele esteve e está onde se necessita a salvação: “fiquem cientes de que o Senhor não veio [...] para se exhibir, e sim para curar e ensinar os que sofrem. [...] Criatura alguma, senão o ser humano, equivocava-se no conhecimento de Deus” (Atanásio) (p. 41). Busca apoio da Patrística oriental à poesia de Adélia Prado: “*Ó crux ave, spes única Ó passiones tempore*”, mas o escândalo permanece.

Para entender a cruz como tribulação Lutero substitui as regras medievais *lectio*, *oratio*, *contemplatio* por uma própria: *oratio*, como recurso a Deus ao perceber que a razão será insuficiente; *meditatio*, que inclui a *lectio* e envolve outras pessoas; e *tentatio*, que é a tribulação (*Anfechtung*) pela qual o-a teólogo-a da cruz deve passar para dizer as coisas como elas são. Westhelle acentua o fazer teológico de pessoas que gestam a prática (*usus*)

de entrar na batalha contra o sofrimento e chocam a piedade moderna, com seu ‘meigo Jesus’, o apoio ao político ‘nascido de novo’ e amante de guerras e os evangélicos à espera de um arrebatamento que deixa os outros para trás, mas não entendem um monge medieval que teologiza: *iusticia est cognitio Christi*. Este *usus* dá coragem para arrancar a máscara e revelar a crise, valer-se da ironia para não sucumbir ao método analógico, definir a cruz como *revelatio sub contraria specie* e abandonar a razão como infra-estrutura para fé, da escolástica em sintonia com a jurisprudência e a economia dominantes. O escândalo só é mantido se for um espinho para os estatutos da razão. Lutero, que aceitou Aristóteles na política e na economia, mas rejeitou na teologia (Heidelberg), só teve seu esforço reconhecido por Heidegger, quatro séculos mais tarde. Já a apocalíptica surge com a coragem de dizer a verdade (*parrhesia*), sem poupar ninguém e nem guardar conhecimento para o último recurso. *Theologus crucis dicit quod res est*, até para não correr o risco da razão “assumir o controle e substituir a fé por explicações” (p. 66). Deixar Deus ser Deus, lembra David Tracy, “é deixar essa vertente terrível e numinosa de nossa herança cristã comum ser ouvida de novo com o tipo de clareza e coragem que Lutero encontrou em suas visões apocalípticas da história e em sua disposição de falar da abscondidade de Deus no sentido pleno” (p. 70), fugir de Deus e encontrar refúgio em Deus contra Deus.

A cruz, que passou do escárnio ao triunfo sublime e orgulhoso, recupera seu escândalo quando a Reforma desmascara a sublimação. Ao falar do auto-sacrifício de Deus como golpe de gênio do cristianismo, Nietzsche inaugura a onda de críticas da modernidade. O iluminismo alemão questionou as provas históricas: Jesus como cumprimento das profecias, confiança nos relatos de milagres e a expansão do cristianismo. Lessing disse que “verdades acidentais da história jamais podem se tornar a prova de verdades necessárias da razão” (p. 74). Schweitzer trocou a teologia pela medicina e a Europa pela África, após descrever Jesus como decidido a fazer a roda do mundo girar e, diante da recusa, se atirou sobre ela, que girou e o matou. Nietzsche viu na cruz a derrota sublimada numa moralidade de escravos que louva o derrotismo, glorifica a fraqueza e perpetua vontade anêmica, polarizando compaixão e fervor, condenando a piedade como depressiva, chamando o cristianismo de ódio contra o espírito e os sentidos. Hegel referiu-se à 6ª feira santa como negação e à ressurreição como negação da negação, reafirmação da vida em um nível mais alto (*Aufhebung*). E Marx, que fez voltar o apocalipsismo depois de desencantar os céus do sistema absoluto hegeliano, criticar o consolo e arrancar os grilhões para a flor crescer, frente ao que Walter Benjamin ponderou: o trabalho do passado não está fechado para o materialista histórico e, sem esquecer os grilhões, lembrou que o sofrimento

não tem sentido, mas têm um futuro aberto pela memória, a mesma que condena os poderes (J. B. Metz).

A epistemologia da cruz implica no conhecimento que vem dela, apesar da glorificação. Como a cruz só tem relevância na teologia quando conectada ao nosso sofrimento, com o significado ancorado no batismo e na eucaristia, podemos ver na cruz de Cristo a derrota do nosso pecado e o cancelamento da dívida (*justificatio*). Nas provações, “Deus nos impõe sua cruz para nossa salvação; o pecador é crucificado para que o novo homem surja” (p. 90) cita Regin Prenter. O discurso, como trajetória lingüística, ao provocar impacto duradouro, impõe um mundo que faz sentido (*poiesis*), e, como Lutero em Heidelberg ou as teologias latino-americanas, luta com a afirmação em certo enquadramento, mesmo que rompa a moldura. O impacto não é causado apenas pela parrésia, mas na autenticidade e na autoridade em que se estriba. Com a entrada de Jesus em Jerusalém a identidade messiânica não pode ser ocultada, e assim “a *parrésia* não produz qualquer efeito codificado. Ela abre um risco indefinido” (p. 98), lembra Foucault. Esse preço alto foi tornado princípio por Gandhi como insistência na busca da verdade: *Satyagraha*. No mundo tradicionalmente interpretado a cruz tornou-se dissonante, paradoxal, uma nomeação a partir do ponto de vista dos subjugados.

Ao dialogar com a poesia, Westhelle discute os efeitos da consciência ecológica, mostrando como há três décadas a natureza era apenas o humano, tida como sobrenatural. As reações ganharam expressões em formas conservadoras e liberais, obrigando a retomada da teologia da criação. As máscaras refletem o carnaval medieval, caricaturando a realidade, escondendo-a e mostrando-a em seu oposto. Como máscaras de Deus, os seres humanos interagem com as máscaras da criação. Recorre a Baillie para afirmar a presença visível Deus como imediação mediada, não-visível, enquanto o visível pode tornar-se um ídolo que apenas congela numa figura o que a visão almeja num vislumbre, deixando o ícone como uma face aberta para ser transgredida, uma ausência manifesta no reflexo. As metáforas *Deus vestitus* (a experiência religiosa) e *Deus nudus* (o abismo irresistível) mostram a dialética entre a religiosidade e o próprio Deus. O apelo para deixar Deus ser Deus aponta para a limitação que nos possibilita também ser pessoas, e a poesia é a Palavra que vem de fora para reconstruir a realidade através da força criativa. Mas só vem se olharmos para o visível, o sofrimento dos inocentes. Se quisermos a Palavra pura fugimos do mundo, sublimamos a cruz, fazemos *theologia gloriae*.

A prática da ressurreição é possibilitar a voz às vítimas, podendo os abandonados reivindicarem seu poder. A experiência da liminaridade autoriza a autonomia e a reorientação, ponto de semelhança entre a Reforma e os

movimentos de afirmação humana a partir da fé. O que torna uma pessoa teóloga é enxergar as coisas invisíveis através das visíveis e estas só podem ser vistas através do sofrimento e da cruz, insiste Lutero. Diante da cruz é possível: fazer teologia a partir dos crucificados, exigindo-se apenas que sejamos honestos a respeito do mundo, sem calar os clamores; escarnecer da cruz, com piedade que a torna dispensável; ficar distante da cruz, sem envolver-se com as cruces cotidianas; e praticar a ressurreição, na confiança que a cruz não é o fim, mas nova oportunidade de trabalhar e amar. A “memória empática é capaz de abrir o passado fechado”, disse Benjamin a Horkheimer.

Recorre às faculdades humanas de Aristóteles (*theoria*, *praxis* e *poiesis*) para falar da cruz. A teoria, a primeira, é a ousadia de dizer o indizível, que faz da teologia a fé em busca, lembrando a abstenção para observar a obra. As demais, práxis e poíesis, introduzem o conflito binário que marca a tradição teológica eclesial: *theologia* e *oeconomia*, *credenda* e *agenda*, ortodoxia e pietismo, razão pura e razão prática, e na Teologia da Libertação, ortodoxia e ortopraxis. Menciona o desencontro da teologia política europeia, feita em sociedades afluentes no confronto com o socialismo real, e a teologia latino-americana, “que emergiu de um continente (...) sob regimes militares” (p. 138). A primeira, afirmando uma definição negativa de liberdade, e a segunda, uma noção atributiva de justiça, sintetizada na tensão entre Moltmann e Bonino.

A ligação da cruz com as coisas últimas remete ao debate do tempo em relação com o lugar e introduz a teologia de Tillich que, por nunca ter perdido de vista essas dimensões e as compreender pela via da cultura, acabou por pautar e datar sua obra. A Europa, por seguir incorporando as descobertas à própria lógica, foi vista por Hegel como “pura e simplesmente o fim da história mundial”, sem ser contestado por Schleiermacher, que explicou: “desde a antiguidade o cristianismo não era mais contestado ou invadido por outras idéias religiosas” (p. 158). A cruz segue como escândalo no qual o Deus revelado não aparece sob a luz, na qual o apocalipse é uma revelação oculta em seu oposto, cujas geografias despertam o não-familiar (Benjamin).

Revisitar as estações da cruz, criadas pelos franciscanos e perpetuadas na piedade atualiza a paixão de Jesus no tempo. O conteúdo das 14 estações é preenchido pelo sofrimento das pessoas das comunidades, assumindo o sofrimento de Cristo como modelo. Tillich associa três sentidos à vivência da ressurreição: o físico, o espiritual e o psicológico, na mesma realidade pós-cruz que Westhelle relaciona com os novos paradigmas de Thomas Kuhn, que tornaram “conhecimentos” firmemente rejeitados em reconhecidos. A rejeição da ressurreição pode revelar um limite da racionalidade, ao tempo em que ela se firma como “prática de trabalho, de luto e de amor, que

vai além e atravessa os limites dos regimes de verdade de que somos devedores” (p. 171).

A reflexão de Westhelle sobre as contradições da cruz em Lutero revela a todo momento a dialética Hegeliana, com base cristã e traço confessional, que lhe possibilita explorar os diálogos em todas as frentes. Transdisciplinar, ele bebe saberes na filosofia, nas ciências, nas artes, no cotidiano e até na própria teologia, sem pudor de revelar suas fontes. A linguagem frequentemente se torna transgressiva, aproximando dimensões formalmente distintas e explorando o recurso das figuras de linguagem. Tal é a variedade, expressa em linguajar limítrofe e de ambientes definidos, com capacidade para polarizar aspectos que aparentemente não têm relação, que leitores teológicos tradicionais precisam re-situar o raciocínio, dado o resultado inusitado que trazem. A quem está disposto a compreender a fé cristã em diálogo atual e contextual, recomendo a leitura.

Antonio Carlos Ribeiro

Doutorando em Teologia pela PUC-Rio

antonioscarlosrib@gmail.com